

EMBRATUR PROPÕE

Pólo de pesca no Alto Rio Negro

AMAZONAS ESTÁ SENDO CONSIDERADO PORTA DE ENTRADA DA PESCA ESPORTIVA DO PAÍS. O QUE FALTA É DEFINIR LEGISLAÇÃO E CRIAR INFRA-ESTRUTURA

VERA LÚCIA PINTO

Grande meca do turismo de pesca esportiva, atraindo mais de 4 mil praticantes por ano, o Amazonas tem agora o desafio de definir uma legislação para regular a atividade no sentido de garantir a preservação do meio ambiente, sem afugentar o turista nem afetar as comunidades ribeirinhas. Para isso, o Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) está propondo a criação de um pólo de pesca esportiva na região de Santa Isabel do Rio Negro (a 650 quilômetros de Manaus), onde seriam definidas áreas para essa modalidade de pesca.

A proposta foi apresentada ontem pelo coordenador do Programa Brasileiro de Pesca Esportiva da Embratur, Paulo Renato Lóes, no workshop para a definição de Política Pesqueira para o Amazonas, que reuniu, na sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Sufrema) representantes de 26 instituições públicas e privadas.

Lóes considera o Amazonas como o grande portal de entrada no País para a pesca esportiva, um segmento do turismo voltado para pessoas de alto poder aquisitivo e formadoras de opinião, e grande agregador de renda. Comparado ao Pantanal, que atrai

anualmente cerca de 250 mil pessoas, o Amazonas pode parecer um mercado incipiente, mas a pesca no Estado, até pelas características de seu ecossistema, não comporta demandas nessas mesmas proporções.

"Na verdade, nem interessa ter um volume nessas proporções aqui no Amazonas porque o seu ecossistema é muito vulnerável, e isso pressionaria os estoques pesqueiros do estado", observou Lóes. Como exemplo, ele lembrou que o tucunaré, o peixe mais apreciado pelos pescadores que vem à região, não migra, reproduzindo-se em lagos, tornando-se por isso um alvo fácil, o inverso do dourado, o peixe mais requisitado do Pantanal, que se reproduz em correntes.

SÍTIOS PESQUEIROS

A definição de pólos pesqueiros seria uma estratégia para fortalecer ainda mais a pescaria esportiva, defendeu o técnico da Embratur. Independente do potencial do Estado, deve ser trabalhada uma política que oriente a atividade para que sejam preservados os estoques e o meio ambiente. Até porque argumenta, o Estado vem atraindo cada vez mais turistas nacionais - 60% oriundos de São Paulo - que tem um perfil diferente do turistas estrangeiro.

Em geral, o turista internacional busca na pesca esportiva apenas um prazer, se contentando em pescar, tirar fotos e devolver o peixe ao rio. Os brasileiros ainda entende a pesca como uma forma de ter provisão. Não raro, detalhou, é comum ver os turistas chegarem ao Pantanal com caixa de isopor cheias de gelo para armazenar os peixes capturados. "Pode parecer exagero, mas não é. Definir regras é essencial

para programar a atividade futuramente", argumentou Lóes.

A delimitação de um pólo de pesca esportiva contemplaria, porém, todos os setores envolvidos. As comunidades continuariam praticando pesca artesanal e os turistas teriam um manancial assegurado infinitamente para seu hobby.

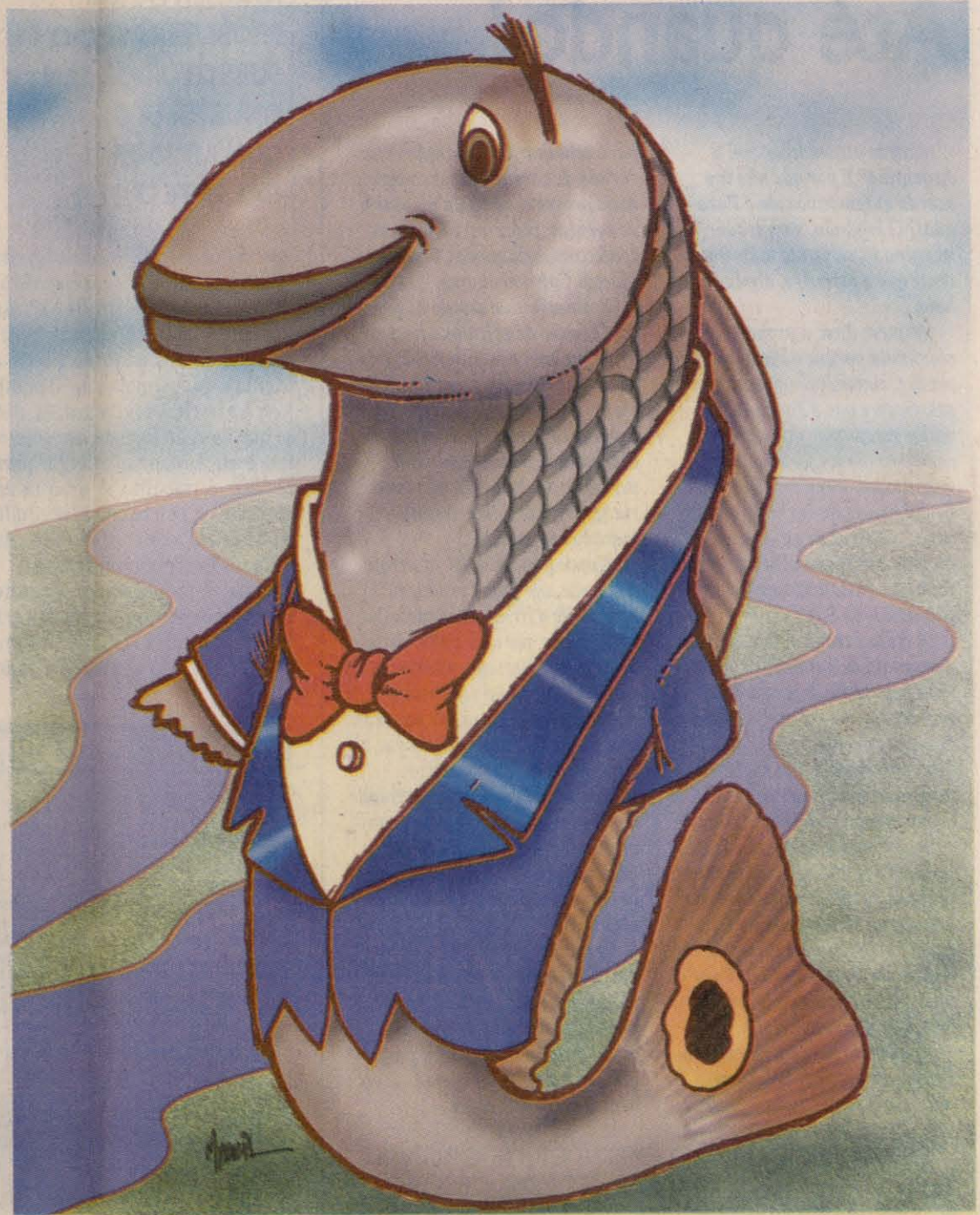
Gastos chegam a US\$ 4 mil

O turismo de pesca esportiva tem característica muito particulares. Ao invés de quantitativo é qualitativo, ou seja, é sustentado por um seletor público de poder aquisitivo bastante elevado, que não vê problema nenhum em gastar US\$ 4 mil para desfrutar, por dois ou três dias, do prazer de pescar pelos rios do País.

Dos 4 mil turistas que vieram ao Amazonas para a prática da pesca esportiva este ano, 1,5 mil são estrangeiros. A distância, nesse caso, é uma mera imposição geográfica. Eles chegam principalmente do Japão e da Alemanha e costa oeste e leste dos Estados Unidos.

Esse tipo de turista é considerado formador de opinião, podendo voltar e trazer mais pessoas em outras visitas, por isso está no foco dos operadores de turismo do País.

A desproporção entre a pesca esportiva que é praticada na Amazônia e no Pantanal reside na localização geográfica. Se o turista pode chegar aos rios pantaneiros após cruzarem estrada entre São Paulo e Mato Grosso, para vir à Amazônia terá que se deslocar por meio de avião, canoas e barcos.



UM ENCANTO DE PEIXE

Tucunaré, o 'embaixador do rio'

Não é à-toa que o tucunaré figura em dez entre dez fotos tiradas por turistas que praticam pesca esportiva no Amazonas. Além de bonito e vistoso, um tipo que


realmente enfeita qualquer história de pescador, a espécie é arisca e oferece uma certa resistência à captura, dando por isso mesmo "mais emoção" à pesca. Sonho de

todo pescador amador, sobretudo os estrangeiros, o tucunaré é conhecido pelos técnicos da Embratur como o "embaixador do rio". Com o dourado (o "rei do rio") e a

piraíba (a "mãe do rio"), o tucunaré forma a trinca de peixes top de linha nos projetos dos praticantes de pesca esportiva de todo o mundo. Só que no caso do tucunaré há um charme a mais. "O fato de ter capturado um dos peixes símbolos da Amazônia conta muitos pontos a favor no currículo de um pescador amador", detalha Paulo Renato Lóes.

O peixe também é apreciado porque é resistente e pode ser solto depois de uma boa sessão de fotos sem nenhum problema. Para os turistas estrangeiros, os motivos que os levam a privilegiar o tucunaré em suas jornadas de pescas param por aí. A carne saborosa do peixe pode até ser degustada eventualmente nas visitas que os

pescadores fazem ao Amazonas, mas nunca como resultado de uma pesca. Reproduzindo um comportamento politicamente correto corrente entre os praticantes de pesca esportiva no eixo internacional, há muitos anos, os pescadores estrangeiros devolvem o tucunaré ao rio depois de tomarem emprestado a sua imagem para a posteridade.

INSTITUTO	
	
SOCIOAMBIENTAL	
Documentação	
Fonte	<i>Antônio</i>
Data	<i>13/10/2000</i>
Class.	<i>127</i>
Pg	<i>113</i>